

Territórios de diversidade e convivência cultural: considerações teóricas e empíricas

Beatriz Padilla¹ e Joana Azevedo²

Instituto Universitário de Lisboa

Resumo: A diversidade é uma característica das sociedades contemporâneas, sendo que a imigração é um dos elementos que mais têm contribuído para a sua incorporação. Uma forma comum de abordar este fenómeno tem sido olhar para a chamada integração dos imigrantes. No entanto, esta abordagem apresenta limitações. Um olhar mais inovador resulta de observar como decorre a convivência intercultural a nível local (cidade/bairro), ou seja as relações quotidianas entre autóctones e imigrantes. Refletimos sobre alguns dos aspetos teóricos à volta da convivialidade e a superdiversidade quotidiana e a sua aplicabilidade empírica em etnografias multissituadas, em dois bairros da Área Metropolitana de Lisboa, no âmbito de um projeto de investigação internacional³.

Palavras-chave: Mouraria; Cacém; Diversidade cultural; “Convivialidade”.

¹ Investigadora Sénior do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e Professora Auxiliar Convidada no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* beatriz.padilla@iscte.pt

² Socióloga e investigadora de pós-doutoramento do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* joana.azevedo@iscte.pt

³ Projeto de investigação intitulado *Culturas de Convivência e Superdiversidade*, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) [PTDC/CS-SOC/101693/2008]. Instituições envolvidas: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL), Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT/MCTES) e Laboratorio de Estudios Interculturales, Departamento de Antropología Social de la Universidad de Granada (LDEI).

Introdução

Nas últimas décadas, as sociedades europeias têm sido confrontadas com o aumento de atitudes e posições racistas, nacionalistas e xenófobas (ECRI, 2006; BEPA, 2006). No entanto, houve também um aumento de projetos e iniciativas de promoção da tolerância e do diálogo intercultural, procurando atenuar tais tendências. A Comissão Europeia, por exemplo, promoveu, em 1997, o Ano Europeu contra o Racismo e a Xenofobia e, em 2008, o Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Em termos políticos, tem havido um aumento da hostilidade desde o 11 de setembro de 2001, que “já não está confinado à esfera extremista dos partidos políticos mas também tem vindo a contaminar os partidos políticos mais influentes” (ECRI, 2006: 9)⁴. Mais recentemente, com o acentuar da crise económica internacional, observa-se em diversos países europeus um agravamento da situação socioeconómica dos imigrantes e a aprovação de legislações mais restritivas sobre os seus direitos.

Boa parte das políticas que visam a integração dos estrangeiros nas sociedades de acolhimento apenas tem conseguido, em parte, alterar imagens negativas, agravando, no entanto, a sua estigmatização. A Diretiva de Retorno de Imigrantes Ilegais, recentemente aprovada, baseada na detenção, expulsão e deportação é outro exemplo do contexto negativo que se vive (Acosta, 2009). No domínio da opinião pública, vários inquéritos demonstram que grande parte dos europeus vê os imigrantes com desconfiança (BEPA, 2006). Esta ideia tem adquirido maior relevância devido à comunicação social, que muitas vezes descreve os estrangeiros como grupos marginais associados à criminalidade e dependentes do Estado providência. No contexto da atual crise, esta tendência tem vindo a piorar. Portanto, se se quiser alterar este clima, promovendo um diálogo intercultural, estas perceções e imagens deverão ser desconstruídas.

As dinâmicas observadas nos contextos de diversidade continuam a ser pouco estudadas e são ainda reduzidos os estudos empíricos centrados nesta problemática. Neste contexto, pareceu-nos útil o conceito de *conviviality* (“convivialidade” ou

⁴ Para aprofundar diferentes casos nacionais ver Mielants, 2006; Essed e Nimako, 2006; Amiriaux e Simon, 2006.

convivência de culturas), apontado por Paul Gilroy para designar as relações sociais específicas de contextos marcados pela diversidade étnica. Segundo Gilroy, o termo “convivialidade” designa “o(s) processo(s) de coabitação e interação que fizeram do multicultural uma característica comum da vida social das zonas urbanas do Reino Unido e de outras cidades pós-coloniais (...). Não descreve a ausência de racismo ou o triunfo da tolerância (...) Introduce uma medida de distanciamento do termo ‘identidade’, que provou ser um recurso ambíguo na análise da raça, da etnicidade e do político” (Gilroy, 2004: xi). Numa outra perspectiva, Vertovec também contribuiu para a análise desta problemática, propondo o conceito de *superdiversity* (superdiversidade), com o intuito de superar limitações anteriores levantadas pelo conceito de *ethnicity* (eticidade). Este conceito vem explicar as “novas combinações e interações de variáveis” presentes nas sociedades contemporâneas (Vertovec, 2007 a: 7).

Com base nestas propostas teóricas, formulou-se um projeto de investigação sobre a “convivialidade” que procura dar um contributo teórico e empírico para o conhecimento nesta temática. Partindo da hipótese geral de que a superdiversidade e a convivência cultural existem em diferentes territórios na Europa, o projeto centra-se na convivência intercultural nas Áreas Metropolitanas de Lisboa (Portugal) e de Granada (Espanha), nas quais territórios específicos foram escolhidos como estudo de caso.

O projeto *Culturas de Convivência e Superdiversidade*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2010-2012), visa descrever, analisar e comparar os novos contextos de superdiversidade e convivência cultural na sua relação com as migrações e os respetivos domínios culturais. O nosso olhar não pressupõe a idealização de relações interculturais harmoniosas, mas considera os contextos de convivência como novos campos de tensões, contradições e interações interculturais. Deste modo, procura-se compreender as dinâmicas, bem como os fatores sociais, históricos e individuais, que estão na base de formas específicas de “convivialidade”, e que se articulam com a diversidade étnica, cultural, socioeconómica, de género ou geracional. O projeto desenvolve uma abordagem e metodologias próprias, pensadas para compreender as relações interculturais entre os autóctones e as populações imigrantes. O nosso ponto de partida não é a chamada integração dos migrantes, mas sobretudo as interações e sociabilidades estabelecidas nos espaços onde estes cohabitam, atuam e se relacionam entre si e com os autóctones.

Na cartografia social, as novas culturas de convivência não estão associadas a um espaço geográfico específico, mas sim a diferentes contextos onde os grupos étnicos interagem. A pesquisa centra-se na observação de espaços formais e informais (Lofland, 1998) organizados em torno de três âmbitos principais: os espaços do bairro, a Escola e os eventos interculturais. Estes são espaços fundamentais para compreender, como sugere Amin, o “significado real” das relações interculturais, porque ainda que “a estrutura nacional das relações raciais e étnicas seja importante, grande parte da negociação da diferença ocorre ao nível local, através das experiências e encontros quotidianos” (Amin, 2002: 959). Neste sentido, as opções metodológicas que nortearam este projeto, como adiante explicitaremos, procuraram captar as dinâmicas e vivências quotidianas, a nível local, a partir de uma abordagem etnográfica.

1. Enquadramento teórico

O contributo inovador deste estudo sobre interculturalismo e imigração encontra-se no domínio teórico, analítico e empírico-metodológico. Ao nível teórico, os estudos em migrações têm vindo a atravessar transformações conceptuais de fundo. Uma destas transformações é a crescente incorporação do conceito de transnacionalismo no estudo do fenómeno migratório. As migrações internacionais já não são entendidas como a mudança ou a saída dos indivíduos de um determinado país de residência, num determinado momento no tempo, mas como um processo contínuo, que desafia “o enfoque analítico tradicional no Estado-nação a favor de um enfoque centrado nas redes e fluxos globais” (Edmunds, 2006: 556).

Neste sentido, a imigração pode ser associada, quer com diversos retornos e novas imigrações numa biografia individual ou familiar, quer com a formação de “espaços sociais transnacionais” (Pries, 1996), cujas referências materiais e simbólicas vão mais além das fronteiras do Estado-nação. Apesar desta transformação teórica, muita da investigação em imigração continua a trabalhar com uma conceção de cultura estanque e circunscrita geograficamente, que define os elementos culturais a partir de referências às culturas nacionais (Weiss, 2005). Neste projeto procurou-se desafiar e superar esta abordagem. As identidades culturais dos grupos imigrantes podem ser

concebidas como o “balanço entre o compromisso com ou a autoidentificação com a cultura e sociedade de origem e o compromisso com ou a autoidentificação com a cultura e sociedade de acolhimento” (Constant, Gataullina e Zimmermann, 2006: 8). Este estudo propõe um conceito dinâmico de cultura, segundo o qual a homogeneidade de culturas, bem como a ideia de identidade étnica como *stock* predeterminado de predisposições culturais e preferências, são desafiados. Neste sentido, a cultura pressupõe formas de articular posições no centro de uma relação específica que varia em cada interação, combinando informação de diferente natureza temática. Dependendo do quadro de interação, questões relacionadas com etnicidade e identidade transformam o *focus* principal no qual as posições assumidas são articuladas. A cada momento específico, fazem parte deste processo aspetos como as diferenças geracionais, de classe social, gosto estético, situação profissional, entre outras (Costa, 2007), bem como as percepções de raça/cor, origem nacional e raízes, género ou padrões de discriminação e racismo predominantes na sociedade em geral (Padilla, 2007; Padilla, Rodrigues e Ortiz, 2008). Centrar o enfoque no posicionamento individual observado no contexto intercultural é fundamental e implica uma mudança na abordagem de investigação. Se até agora se tinha vindo a procurar caracterizar principalmente o modo como as referências acumuladas ao longo de uma trajetória de vida constituíam uma específica identidade étnica, e como eram seguidamente reproduzidas no domínio das interações sociais, passa agora a ser importante mostrar como a identidade ou a identificação individual é produzida *ad hoc*, no próprio momento da interação, de forma relacional, através da atualização da informação cultural acumulada ou através daquilo que Wise designa por “transversalidade quotidiana” (Wise, 2007). Deste modo, o modelo de convivência cultural “superdiversa” observado em cada momento pressupõe a incorporação e/ou reação por parte dos envolvidos na autoperceção, na perceção que os outros deles têm, e nas interações. Assim, a identidade perde relevância como fator explicativo, adquirindo maior importância os diferentes tipos de interações.

É fundamental, portanto, analisar “quais são os mecanismos através dos quais os indivíduos enquanto sujeitos se identificam (ou não) com as ‘posições’ que lhes são atribuídas; assim como de que forma recriam, estilizam, produzem e ‘performam’ estas posições”, ou ainda de que modo gerem entre si os aspetos antagónicos, de resistência e negociação (Hall, 1996: 13). Neste sentido, como sugere Vertovec, “ao refletir sobre as

interações quotidianas, é importante reconhecer que ocorrem diferentes tipos de interação ou contacto nos múltiplos, sucessivos, espaços habitados pelos indivíduos no decorrer do seu dia” (Vertovec, 2007b: 35).

Entre as ferramentas analíticas de que nos munimos nesta pesquisa incluem-se o conceito de “espaço de contacto” (*contact zone*), de Mary Louise Pratt, que traduz a formação e desenvolvimento de relações entre indivíduos geográfica e historicamente separados:

“espaços sociais onde culturas diferentes se encontram, chocam e lutam entre si, muitas vezes em relações muito assimétricas de dominação e subordinação como o colonialismo, a escravatura, ou as suas consequências, vividas atualmente no mundo” (Pratt, 1992: 4).

O recurso que Wise faz da noção emprestada de “espaço de contacto” e da comunicação (improvisada) entre culturas diariamente mobilizadas pelos atores sociais, é-nos particularmente útil como meio para entender as estratégias mundanas que as pessoas desenvolvem com intuito de cultivar e amenizar as eventuais diferenças (Wise, 2007). De acordo com Wise, as “estratégias mundanas” são denominadas de “transversalidade quotidiana”, que consiste na troca, estabelecida entre diferentes pessoas, que gera diversos processos de reconfiguração identitária. Wise recorre aos termos de “biografias interligadas” e “facilitadores transversais”. O primeiro não nos foi possível desenvolver, já o segundo mostrou-se relevante no decorrer do trabalho de campo. A noção de “transversalidade” sustentada por Wise tem como base uma outra noção, a de “políticas transversais”, desenvolvida por Nira Yuval-Davis (1999). Esta noção refere-se às estratégias intergrupais que pretendem ultrapassar o conflito, por intermédio de diversos processos de negociação, que induzem reconfigurações identitárias nos sujeitos. Socorremo-nos também de Santos (2008) e da sua reflexão no que respeita à crescente importância das políticas culturais direcionadas para a diversidade, como meio e instrumento de revitalização e de renovação urbana (resolvendo problemas) que, simultaneamente, fomentam o turismo e o *marketing* cultural.

Na aproximação aos conceitos de culturas de convivência e superdiversidade, e procurando operacionalizar o conceito de “convivialidade”, começámos por desafiar o significado comum atual de multiculturalismo e interculturalidade. A globalização leva-nos muitas vezes a pensar que ser cosmopolita, multi ou intercultural e sensível à diversidade são características da sociedade contemporânea. No entanto, esta associação não é linear. Aliás, se partíssemos deste pressuposto, assumiríamos uma visão reificada e estanque da noção de “cultura”, com a qual não concordamos. Uma vez que a “cultura” se manifesta através das interações, ela é resultado de dinâmicas relacionais entre atores sociais e da interconexão complexa que se estabelece entre estruturas objetivas e subjetivas de existência. Deste modo, poder-se-á alegar que a “cultura” é a manifestação de sociabilidades quotidianamente forjadas e que constitui uma articulação entre dimensões incorporadas das estruturas sociais e a experiência vivida dos sujeitos. Neste sentido, não é possível abordar a “cultura”, a “interculturalidade” (e outros termos análogos) sem ter em consideração que estas noções se referem, fundamentalmente, a processos que resultam das relações sociais em que os sujeitos se encontram imersos (Toren, 1999). Todavia, a “globalização” contribui, efetivamente, para uma mais alargada e rápida circulação de imaginários, discursos, já que as TIC contribuem para que o ritmo das transformações e a interação entre mundos distintos sejam mais efémeros e mais difíceis de circunscrever (Castells, 2002). Valerá então a pena reforçar a ideia sustentada por Canclini (1990), de que as culturas mudam e evoluem incorporando elementos de outras culturas, quer através da invasão, da migração, do turismo, quer, mais recentemente, por intermédio da televisão e da internet. As culturas não são, por definição, estáticas mas dinâmicas, ainda que, no momento particular em que as estudamos, consigamos identificar elementos e características que as singularizam e/ou diferenciam umas das outras. Numa era cuja interdependência é exponencialmente mais visível e experienciada, as relações de poder assumem contornos multidirecionais e configurações que resultam da especificidade dos atores sociais e das instituições (em que se combina a manipulação de símbolos no espaço mediatizado).

Um olhar histórico sobre as sociedades ajuda a compreender as mudanças, especialmente aquelas trazidas ou provocadas pelas migrações. Neste sentido, concordamos com Harvey (2001) quando este refere que a compressão do tempo e do

espaço é uma das características das sociedades contemporâneas e, possivelmente, um novo marcador das diversidades e da mudança cultural, dando origem a práticas culturais mais voláteis e imprevisíveis. E como evidenciou Giddens, a intensificação da interação entre o espaço e o tempo leva a que “os acontecimentos locais sejam moldados por eventos que acontecem a milhas de distância e viceversa” (1996: 64).

Como sublinhou Touraine (1997), vivemos hoje forças centrípetas e centrífugas de diversidade e de homogeneidade, no âmbito das quais a cultura tem um duplo papel de unir e dividir. Neste sentido, na cidade intercultural e cosmopolita, o cultural é também uma força económica e até política (Santos, 2008; Soja, 2000).

Como referido anteriormente, as tensões entre conceitos universais com instrumentalizações particulares procurando alcançar o universal, são dinâmicas presentes no domínio da definição de políticas e de práticas de intervenção social, não descurando nesta amálgama a própria definição dos sujeitos, cuja “identidade” se cria e recria, e é negociada, ao ritmo da convivialidade e sociabilidade decorrente da interação e mobilidade encetada pelos sujeitos nos diversos espaços públicos e privados por onde se mobilizam, também eles pautados pelas vicissitudes advindas das relações de poder (Ribeiro, 2003). Tendo em conta o acima referido e partindo do pressuposto de que as cidades e as metrópoles pretendem hoje ser territórios interculturais e cosmopolitas, estabeleceu-se como objetivo desenvolver uma pesquisa centrada nas relações sociais e no “contacto cultural”, partindo de uma perspectiva que reconhece os contextos de convívio como campos de poder onde emergem diferentes tensões. Deste modo, pretendeu-se desenvolver uma análise das dinâmicas assim como dos fatores históricos, sociais e pessoais que intervêm na disponibilidade (ou não) dos sujeitos para conviver em meios “étnica” e “culturalmente” diversificados.

2. Metodologia

A nível analítico, o projeto visa a aplicação empírica dos conceitos de “*conviviality*” (convivência/convivialidade) e “superdiversidade”, pelo que a operacionalização destes conceitos foi um desafio, nem sempre totalmente ultrapassado. A metodologia assentou numa abordagem qualitativa, privilegiando o método

etnográfico, com o objetivo de focar as situações interculturais, ou seja, a “diversidade quotidiana” (Wise, 2007). Não na perspectiva de encontrar relações livres de preconceitos, mas de olhar, como já referido, para as possíveis tensões e contradições que caracterizam as relações humanas e de vizinhança, interculturais ou não, em contextos espaciais delimitados. Sendo assim, olhar para o contacto e a interação resultaria mais inovador, permitindo superar o enfoque mais estático da identidade e a etnicidade geralmente adotado, e que só considera o “outro” (imigrante) na relação, esquecendo os autóctones.

Este projeto de investigação, iniciado em março de 2010 e em curso até agosto de 2012, centrou-se nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e de Granada, mais especificamente em dois bairros por cada país. Em Lisboa, foram selecionados o bairro da Mouraria e a cidade do Cacém, e em Granada, o Realejo e o Zaidin. Nesta seleção havia também o objetivo de desenvolver uma análise comparativa focada na dimensão: centralidade vs. periferia da posição dos bairros. A escolha do território metropolitano tinha como objetivo identificar duas lógicas urbanas simultâneas e contraditórias, a do centro e da periferia, que ancoradas em “operações urbanísticas, para além das suas implicações espacialmente localizadas, geram processos de alteração de fluxos humanos e mercantis. Definem-se novas centralidades, modificam-se antigos equilíbrios entre bairros residenciais e áreas de serviços.” (Baptista e Nunes, 2004: 92). Estes autores, classificam o contexto metropolitano em duas lógicas, as residenciais e as cosmopolitas. No entanto, o projeto procura olhar como estas lógicas acontecem em simultâneo mas de forma diferenciada.

A ancoragem em duas Áreas Metropolitanas significou, por um lado, um desafio e, por outro, uma mais-valia. O desafio era manter a coerência metodológica e conceptual em dois contextos diferentes, tendo em conta que as equipas locais incorporaram investigadores nacionais e estrangeiros, com experiências diversas, o que significou um valor acrescentado. Neste sentido, as reuniões das equipas, e os intercâmbios de trabalho de campo realizados em Lisboa e em Granada, foram elementos propositados da metodologia para assegurar, *a priori*, aspetos da comparabilidade entre os diferentes contextos estudados. As equipas desenharam grelhas e guiões para as entrevistas e para as observações nos três âmbitos de estudo (ver tabela 1).

Tabela 1 – Critérios de comparação entre territórios estudados

	Bairro	Evento	Escola
Espaços	Rua, mercado, praça, centros comerciais, associações, zonas de lazer, cafés/restaurantes, lojas, equipamentos.	Rua, praça, palco, espaço público.	Sala de aula, pátio, espaços à volta da escola, salas e espaços das associações, equipamentos.
Dimensões	Diversidade dos moradores, turistas, clientes, transeuntes, espaço / tempo, sociabilidades.	Diversidade do público, dos artistas, dos representantes institucionais e moradores.	Diversidade dos alunos, professores, técnicos, interação entre eles.
Atores	Informantes-chave (líderes associativos, presidentes de junta, autoridades e técnicos municipais, outros). Moradores e clientes.	Informantes-chave (organizadores, programadores, líderes associativos). Moradores, público, artistas.	Informantes-chave (diretores de escola, professores, diretores de turma, outros técnicos). Estudantes / professores ou mediadores.
Posicionamento epistemológico	Perceções do investigador e autoavaliação da observação / entrevista (bairros, pessoas, autoridades).	Perceções do investigador e autoavaliação da observação / entrevista (eventos).	Perceções do investigador e autoavaliação da observação / entrevista (alunos, professores, técnicos).

O projeto decorreu em três fases interligadas (está ainda em curso a fase final): 1) o enquadramento teórico, o estado da arte e o mapeamento de espaços a nível local; 2) o trabalho de campo e recolha de dados; e 3) a análise e comparação dos territórios a dois níveis – primeiro, intra espaços selecionados em Lisboa e Granada e depois entre as duas áreas metropolitanas. O desenvolvimento de cada fase proporcionou elementos cruciais para a fase seguinte, quer ao nível de relatórios, de revisão de literatura, de mapeamento documental e visual, quer de guiões de entrevistas e grelhas de observação, entre outros, que compuseram um *corpus* de análise do projeto.

Já em relação ao mapeamento dos territórios da Área Metropolitana de Lisboa, durante a primeira fase, para além dos bairros com os quais os elementos da equipa estavam familiarizados (Vale da Amoreira, na margem Sul, 6 de maio/Cova da Moura em Amadora, entre outros), fizeram-se visitas exploratórias a diversos territórios, nos quais se observam dinâmicas de convivência intercultural. As visitas incluíram a Alta de Lisboa (incluindo Ameixoeira), o Bairro Padre Cruz, o bairro Terraços da Ponte, a Mouraria, a Agualva-Cacém, o bairro dos Loios e Chelas/Marvila. Cada visita contou com o apoio de líderes associativos locais e outros atores sócio-institucionais, que atuaram como guias, facilitadores e mediadores com os contextos de análise. Finalmente, escolheu-se a Mouraria (centro histórico de uma cidade) e o Cacém (periferia da Área Metropolitana de Lisboa). Para a entrada nestes dois contextos, optámos pelo recurso a “facilitadores transversais” (Wise, 2007), isto é instituições ou atores que tivessem um acesso privilegiado aos territórios.

Passamos agora ao detalhe da metodologia de tipo qualitativo e etnográfico. Escolhemos a etnografia duplamente multissituada dentro da Área Metropolitana e dos bairros. No entanto, neste artigo centramo-nos apenas no caso de Lisboa. A etnografia multissituada revela-se útil, segundo Marcus, para uma melhor perceção da “circulação de significados culturais, objetos e identidades em tempo-espaço difusos” (Marcus, 1995: 96). Este estilo etnográfico, próprio do sistema-mundo, foi útil porque as “estratégias de literalmente fazer um seguimento das conexões, associações e relações putativas estão no coração do desenho da etnografia multissituada” (*Idem*: 97), e porque “para o etnógrafo interessado na mudança local contemporânea na cultura e na sociedade, a investigação confinada a um só contexto, já não pode ser localizada numa

perspetiva de sistema-mundo” (*Idem*: 98), na qual o nosso projeto assenta, especialmente no aspeto transnacional.

Especificamente, através da etnografia é possível descortinar: 1) como acontece a convivialidade no espaço público dos bairros escolhidos: mercados, praças, ruas, parques, lojas e espaços comerciais, sedes de associações, etc. (como a convivialidade é vivida, experimentada/sofrida); 2) como a interculturalidade e a diversidade são ensinadas, aprendidas ou vividas na Escola; 3) como a convivialidade e a interculturalidade são planificadas/organizadas para serem mostradas/celebradas num evento intercultural, como um exemplo específico de política cultural a nível local. Em síntese, a pesquisa supõe um conjunto de várias etnografias – bairro, escola e evento intercultural – num bairro central e num bairro periférico das Áreas Metropolitanas de Lisboa e de Granada.

As etnografias, por serem desenvolvidas no mesmo território, supunham algum nível de sobreposição, no sentido em que alguns dos atores e informantes-chave coincidem. Cada etnografia teve um *focus* e uma lógica diferentes e cada uma contou com grelhas de observação (o que se observava variava segundo o objetivo) e guiões de entrevistas diferentes (i.e. semiestruturadas, por tópicos, etc., dependendo do papel do entrevistado), especialmente concebidos para cada âmbito. Tanto as grelhas, como os diversos guiões, foram construídos por equipas integradas por investigadores de Lisboa e de Granada. As considerações feitas neste artigo, assim como as propostas analíticas, têm como base empírica o trabalho de campo desenvolvido, quer ao nível das visitas aos locais, quer das entrevistas e observações realizadas nos contextos, pelo que não estão isentas de subjetividades próprias dos investigadores.

3. Territórios e contextos de pesquisa: a Mouraria e o Cacém

Como estudar a temática da “convivialidade” e da diversidade de uma forma não tradicional? Ou seja, não apenas focando-nos nos imigrantes, mas também incluindo os autóctones. Porquê Lisboa e Granada e não Portugal e Espanha? À partida pensámos que o nível de generalização do “nacional” resultaria demasiado abstrato e difícil de

apreender, já que o olhar nacional não retrata em detalhe as características do local ou bairro, especialmente quando dentro dos países, regiões e mesmo cidades, existem territórios e organizações político-administrativas tão diferenciadas. No caso de Portugal, o fenómeno da imigração a nível nacional não é tão relevante como ao nível da Área Metropolitana de Lisboa, que concentra mais de 50% da população imigrante. No caso de Espanha, por um lado, o fenómeno adquire características regionais muito diferentes e, por outro, as comunidades autónomas desenvolvem uma pluralidade de políticas para lidar (bem ou mal) com a imigração. Daí que a investigação ao nível do local seja desejável e mais útil, facilitando a comparação entre os âmbitos escolhidos. O local pode, ainda, ser estudado a várias escalas: ao nível da área metropolitana, municipal e de bairro. Neste projeto, optámos por dois níveis, o da área metropolitana e o do bairro (embora reconheçamos as diferentes aceções de bairro). Em todo o caso, as referências à escala municipal são incontornáveis, especialmente pela relação estreita com as políticas e os programas de intervenção local e ao nível das políticas culturais.

A área metropolitana foi escolhida porque na sedentarização e fixação da imigração que acontece nos processos mais amplos de urbanização, a ocupação dos espaços pode não coincidir com os limites geográficos da cidade, mas sim, como evidenciado por Baptista e Nunes (2004), dentro das denominadas áreas metropolitanas (AM) localizadas à volta das grandes capitais. Nestas, a urbanização funciona seguindo diferentes lógicas que vão desde a renovação urbana e/ou a degradação, a cidade dormitório, o realojamento, até à fixação de recém-chegados provenientes, tanto das zonas rurais, como das migrações internacionais. Contudo, no coração das AM, geralmente no centro das cidades, acontecem fenómenos de gentrificação, degradação urbana, concentração de populações socialmente desfavorecidas, entre as quais populações migrantes, que se vão fixando nestes bairros. Em qualquer dos casos, interessa comparar como acontece tanto a convivência entre autóctones e imigrantes e como se desenvolvem as práticas e políticas culturais no seio dos bairros, que dependem frequentemente de específicas políticas municipais.

A escolhas dos territórios/bairros a serem estudados foi cuidadosa e não deixada ao acaso. A Mouraria foi escolhida porque no seu seio acontecem todos estes fenómenos de convivência cultural que nos interessavam compreender neste projeto. Outros fatores que contribuíram para esta escolha estão relacionados com a rápida e

constante mudança social verificada atualmente na Mouraria e pelo facto de, neste território, confluírem projetos e intervenções concretas (QREN, Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário, organização do *Festival Todos – Caminhada de Culturas*, entre outros). Quando fizemos a nossa aproximação a este bairro, já conhecíamos estudos específicos aí realizados com outros interesses (Mapril, 2001, 2008 e 2010; Oliveira, 2005; Menezes, 2004). No entanto, ao nosso projeto interessava olhar este território sob a perspetiva das relações de convivência.

Na Mouraria não existe um consenso relativamente aos limites geográficos do bairro. A zona da Mouraria abrange várias Juntas de Freguesia, tais como Socorro, São Cristóvão, São Lourenço e, em parte, áreas de Santa Justa, Anjos e Graça. Os próprios vizinhos e moradores, as associações, a Câmara Municipal e os investigadores atribuem-lhe diferentes fronteiras. O território é um bairro tradicional e popular, mas é muitas vezes estigmatizado, devido à sua associação com a prostituição, o tráfico de drogas e a criminalidade. Apesar das diferentes fronteiras associadas ao bairro, é geralmente aceite que, espacialmente, o bairro está dividido em várias zonas, algumas mais residenciais, outras mais comerciais. A Mouraria, situada no coração da cidade, é parte da Câmara Municipal de Lisboa, sendo que, recentemente, o seu Presidente transferiu o seu gabinete para o Largo do Intendente, na fronteira do bairro, o que, simbolicamente, ilustra a importância sóciopolítica atribuída pela autarquia à renovação deste espaço urbano. A Mouraria tem sido um espaço de alguma história de intervenção urbana, com vários programas implementados ao longo do tempo (Menezes, 2009). O atual processo de renovação e de intervenção envolve várias iniciativas: o *Plano de Ação da Mouraria* (QREN-Mouraria, de 2011 a 2013) e o *Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário*. O primeiro centra-se, principalmente, na reabilitação urbana e requalificação do espaço público. O *Plano de Desenvolvimento Social e Comunitário* centra-se na transformação social, económica e cultural, tendo como fonte de financiamento os fundos do orçamento participativo da autarquia, aprovado em 2011. Nestas iniciativas estão envolvidas várias entidades públicas e privadas que trabalham em parcerias (entre outras, Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, associações, Alto-Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural). Entre os objetivos das intervenções podemos destacar: limpar e melhorar a imagem do bairro, promover a economia e os negócios a nível local. Ainda em relação ao conjunto de ações previstas

das políticas de renovação urbana, promovem-se as denominadas de “*cultural block*”, sendo que as políticas culturais e turísticas pretendem envolver o bairro da Mouraria no mapa turístico de Lisboa capital, salientando, simultaneamente, os seus elementos tradicionais e cosmopolitas. Em 2011, Lisboa foi nomeada e reconhecida como cidade intercultural, integrando agora a rede de cidades interculturais. Este reconhecimento resultou de uma candidatura desenvolvida pela CML, baseada no *Festival Todos*, que se realizou durante três edições na Mouraria.

O segundo território escolhido foi o de Agualva-Cacém, conhecido como Cacém. Selecionou-se este território devido a um conjunto de características: por um lado, a diversidade da sua população, que incluiu tanto imigrantes e minorias étnicas, como autóctones, entre os quais retornados e migrantes internos; por outro, a sua localização na periferia urbana; em simultâneo, não tinha sido alvo de estudos anteriores. No Cacém não estamos perante uma cidade dormitório; há um dinamismo e uma vida própria que se reflete no comércio, na vida nas ruas e centros comerciais, nos vários e diversos espaços de culto, na existência de serviços e infraestruturas de apoio aos moradores (ginásios, cabeleireiros, cafés, padaria, restaurantes, escolas e creches, entre outros). Este território foi alvo, em 2001, de uma reforma administrativa, pelo que o que era conhecido como Cacém (ainda presente no imaginário da população local, o que justifica ser considerado como um bairro) foi dividido em 4 freguesias: Agualva, Cacém, Mira-Sintra e São Marcos. Está localizado na periferia da Área Metropolitana de Lisboa e pertence ao município de Sintra.

Comparativamente com a Mouraria, é menos rico em termos de intervenções planificadas, quer a nível de renovação, quer a nível de intervenção cultural. Recentemente, ocorreram obras de modernização da Estação Ferroviária, com o objetivo de melhorar a imagem do espaço público, sendo este um espaço de passagem obrigatória dos turistas que visitam Sintra. Este é um espaço partilhado por autóctones, imigrantes e seus descendentes.

Em síntese, a escolha dos bairros da Mouraria e do Cacém dentro da Área Metropolitana de Lisboa implicou a escolha das autarquias de Lisboa e Sintra, como instâncias de intervenção ao nível das políticas. Em cada um dos contextos selecionados contámos, primeiro para a visita, e depois ao longo do trabalho de campo, com o apoio e

a colaboração de associações comunitárias que se converteram em interlocutores principais, ao mesmo tempo que abriram a nossa entrada no terreno, facilitando os contactos com a população e as instituições locais. Assim, os facilitadores transversais, *Renovar a Mouraria*⁵ e *Casa Seis*⁶, cumpriram um papel central, tanto na entrada, como na permanência no terreno. No entanto, o olhar sobre os contextos não esteve limitado à mediação destes facilitadores, já que se ouviram as vozes das várias instituições e outros atores públicos e privados, aí sediados.

Em ambos os territórios, ao nível das instituições que aí intervêm, existe sobre os imigrantes uma perceção geral duplamente ancorada na ambiguidade: por um lado, estes oferecem o seu capital simbólico para enriquecer a cidade diversa cosmopolita (Oliveira, 2005; Mapril, 2001); concomitantemente são vistos como problema social (Malheiros e Mendes, 2007: 22). Contudo, os bairros escolhidos, mesmo que, efetivamente, sejam espaços caracterizados por uma diversidade cultural efervescente, situam-se em áreas que suscitam representações sociais e imaginários distintos. Isto significa que as políticas (ou falta delas) de renovação e revitalização, que decorrem nestes espaços, podem intersetar-se de forma diferente com agendas (inter)culturais, que podem englobar aspetos como o turismo, a gastronomia, a economia étnica, entre outros, favorecendo diversos tipos de “convivialidade” entre imigrantes e autóctones, para além do potencial económico que poderão gerar.

Com base no perfil diverso dos territórios estudados, atendendo às principais dimensões de análise, concebemos uma tipologia preliminar que identifica as características mais salientes da Mouraria e do Cacém (Tabela 2). Trata-se de uma primeira tentativa de sistematizar e encontrar elementos de comparabilidade entre os bairros, a partir dos dados até agora recolhidos.

⁵ A *Renovar a Mouraria* (RAM) é uma associação criada em 2008 por um grupo de moradores e amigos do bairro com o objetivo de chamar a atenção dos responsáveis políticos e sociais sobre a situação na qual o bairro se encontrava. Promove tanto ações de revitalização urbanística, social, cultural e turística, como uma cultura de inclusão social, de género e étnica e a prevenção da violência. <http://www.renovaramouraria.pt/>.

⁶ A *Casa Seis* é uma associação de desenvolvimento comunitário criada em 2000, que tem por objetivos melhorar a qualidade de vida e as condições de inserção social da população, seguindo os princípios da educação para a cidadania ativa, e atua contra a discriminação de género, nacionalidade, cultura e religião.

Tabela 2 – Características principais dos contextos estudados

Mouraria	Cacém
<ul style="list-style-type: none"> • Centro histórico • Diversidade de imigrantes, sedentarizados e novos fluxos (Bangladesh, Índia, Paquistão, China, Brasil, PALOPs) • Autóctones <ul style="list-style-type: none"> - Terceira idade - Jovens profissionais /artistas (gentrifiers) • Associativismo ativo e diversificado (exceto imigrante) • Gap geracional • Redes sociais familiares e endogâmicas • Comércio étnico e redes económicas transnacionais e dinamismo na restauração; diminuição do comércio tradicional • Diversidades de religiões • Reabilitação urbana e gentrificação • Programas de intervenção social e comunitária • Espaço turístico e cultural de referência e em revitalização 	<ul style="list-style-type: none"> • Periferia • Imigrantes sedentarizados & descendentes (PALOPs), novos imigrantes (Brasil, Guiné Conacri, Europa de Leste) • Autóctones <ul style="list-style-type: none"> - Retornados & migração interna - Classes operária e média • Associativismo reduzido e algum associativismo imigrante • Diversidade geracional • Redes sociais diversificadas • Comércio étnico reduzido, comércio tradicional diversificado • Diversidade religiosa no âmbito cristão (católico e evangélico pentecostal) e muçulmano • Requalificação limitada, “white flight” • Escassos programas de intervenção social, exceto Programas Escolhas) • Não é espaço de referência turística ou cultural

A partir das observações e entrevistas realizadas a diferentes atores-chave desenvolvemos, ainda, uma proposta tipológica que fornece alguns elementos iniciais para nos orientar na caracterização dos tipos de “convivialidade” encontrados nos territórios estudados. Por um lado, uma *convivialidade económica*, em torno das

atividades económicas presentes nestes territórios e que incluiu, desde as relações estabelecidas no âmbito dos consumos quotidianos de vizinhança, ao comércio tradicional, ao comércio étnico, aos centros comerciais e ao comércio grossista (mais característico da Mouraria), ao comércio para turistas, autóctones e imigrantes. Paralelamente, uma *convivialidade sócio-cultural*, relativa às sociabilidades estabelecidas no âmbito das relações de vizinhança, da participação cívica, associativa ou religiosa. Eventos interculturais específicos, como o *Festival Todos*, na Mouraria, constituem-se como espaços onde se desenvolvem convivialidades específicas entre vizinhos, turistas e participantes nos eventos, artistas, estruturas institucionais e associações do bairro.

Em particular no caso da Mouraria, encontrou-se, ainda, uma *convivialidade turística*, de carácter transitório, associada aos itinerários percorridos por visitantes e por turistas que, quotidianamente, atravessam o bairro. Por fim, um outro tipo que poderemos designar por *convivialidade de conflitos e tensões*, que compreende: i) a convivialidade relacionada com as diferenças de *habitus* de ocupação do espaço urbano das diferentes populações que habitam ou trabalham no bairro, ou, por exemplo, com a higiene do espaço urbano e que são geradoras de algumas tensões; ii) uma convivialidade associada a dinâmicas específicas presentes nestes territórios, como o tráfico de drogas, a prostituição ou a pequena criminalidade.

Considerações finais

Neste contributo, mais do que apresentar conclusões, partilhamos algumas reflexões sobre o trabalho desenvolvido até ao presente. Estas reflexões não abrangem inteiramente cada uma das etnografias, mas estão mais dirigidas para os aspetos globais e integrais do projeto, num nível mais meso e de articulação entre os conceitos teóricos e os dados empíricos.

A nível conceptual, os conceitos de “convivialidade” e “superdiversidade” são referências teóricas importantes. No entanto, a sua operacionalização revelou-se, por vezes, difícil. O conceito de “convivialidade” tem a vantagem de não estar colado ao conceito de “identidade”, pelo que sugere olhar para as inter-relações e sociabilidades

entre os residentes, imigrantes e não imigrantes. Mas é, ainda, preciso refletir mais sobre a delimitação dos âmbitos de convivialidade e das convivialidades tensas ou antagónicas. Em relação ao conceito de “superdiversidade”, a aplicabilidade não é linear. Vertovec (2007a, 2007b) é muito claro nas variáveis que constituem a superdiversidade: país de origem (que inclui etnicidade, língua, religião, identidades regionais e locais, valores e práticas culturais); canal migratório (fluxos caracterizados pelo género, redes e nichos laborais); e estatutos legais. No entanto, algumas delas nem sempre são variáveis no sentido estrito do conceito, não sendo fácil estabelecer os limites entre diversidade e superdiversidade. Por outro lado, a superdiversidade tem-se circunscrito ao âmbito dos imigrantes, não integrando o aspeto relacional próprio da (inter)culturalidade, em particular a interação entre imigrantes e autóctones. Em consequência, a articulação deste conceito com o fenómeno estudado precisa de ser afinado.

Por outro lado, ao longo do desenvolvimento do projeto, outros referentes e conceitos foram identificados e resultaram ser instrumentais, tanto na perceção dos contextos de estudo, como na análise e na articulação entre teoria e empiria. Entre eles, podemos destacar o conceito de “espaço/zona de contacto”, de Pratt (1992), e a sua aplicação por parte de Wise (2007), a transversalidade quotidiana, facilitadores transversais, e o papel da cultura como fonte de renovação/revitalização urbana. Estes, entre outros, revelaram ser ferramentas teóricas com uma certa capacidade heurística e operacional.

Uma primeira análise dos dados qualitativos recolhidos através do trabalho de campo, especialmente ao nível do bairro e dos eventos, permitiram, por um lado, caracterizar os bairros selecionados (Tabela 2) e, por outro, identificar tipos de convivialidade. Esta forma de organizar os dados empíricos deve ser entendida como uma primeira aproximação e tentativa de análise, ou seja, um esforço de sistematizar o que foi observado e percebido e não pretende ser um modelo explicativo único. No entanto, e com as reservas mencionadas, os perfis dos bairros/espacos são feitos considerando os aspetos principais que nos preocupam neste projeto, ou seja, as relações e sociabilidades entre as populações autóctones e migrantes e alguns elementos estruturais que podem exercer uma influência (fatores sócio-económicos), daí a sua importância, pelo menos como instrumento. Neste mesmo sentido, com a proposta

tipológica pretende-se assentar as bases para os elementos e conceitos que devem ser considerados quando pensamos nos tipos de convivialidades existentes nos bairros.

Em síntese, no projeto temos vindo a confirmar a relevância que os aspetos culturais têm no quotidiano do bairro e a sua interligação com as questões sócioeconómicas. São estes aspetos culturais que servem para unir ou desunir, para facilitar ou dificultar as negociações quotidianas que marcam as sociabilidades e interações entre moradores, líderes associativos, autoridades, transeuntes, turistas, clientes, etc. É no aprofundamento destas questões que a intervenção sociopolítica pode centrar a sua ação, se se pretender atenuar as tensões e melhorar os âmbitos da convivialidade intercultural.

Referências bibliográficas

- ACOSTA, D. (2009), “Reacções latino-americanas à adopção da Directiva de Retorno”, in *Revista Migrações*, 5, 53-62.
- AMIN, Ash (2002), “Ethnicity and the multicultural city: Living with diversity”, in *Environment and Planning*, A 34 (6), 959-980.
- AMIRAUX, V. & SIMON, P. (2006), “There are no minorities here: Cultures of scholarship and public debate on immigrants and integration in France”, in *International Journal of Comparative Sociology*, 47, 191-215.
- BAPTISTA, L. V. & NUNES, J. P. (2004) “Contexto metropolitano e (re)classificação urbana: Apontamentos sobre a cidade de Lisboa e um bairro residencial na sua periferia”, in *Ciudades*, (8), 87-100.
- BEPA (2006), *Migration and public perception*, Bruxelles, Bureau of European Policy Advisers.
- CANCLINI, Néstor Garcia (1990), *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, México, Grijalbo.
- CASTELLS, Manuel (2002), *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- CONSTANT, A.; GATAULLINA, L.; ZIMMERMANN, K. (2006), "Ethnosizing Immigrants", in *Discussion Paper Series IZA*, 2040. [Consult. a 8 de dezembro de 2011]. Disponível em: <http://ftp.iza.org/dp2040.pdf>.
- COSTA, Sérgio (2007), "De la asimilación a la convivialidad: conceptos y contextos de la política migratoria", in Isabel Yépez del Castillo & Gioconda Herrera (ed.), *Nuevas Migraciones Latinoamericanas a Europa. Balances y Desafíos*, Quito, FLACSO – OBREAL – UCL – UB, pp. 269-285.
- ECRI (2006), *Annual report on ECRI'S activities covering the period from 1 January to 31 December 2005*, Strasbourg, European Commission against Racism and Intolerance.
- EDMUNDS, J. (2006), "Migration Studies: New Directions? (review article)", in *Ethnicities*, 6 (4), 555-564.
- ESSED, P. & NIMAKO, K. (2006), "Designs and (Co)Incidents: Cultures of Scholarship and Public Policy on Immigrants/Minorities in the Netherlands", in *International Journal of Comparative Sociology*, 47, 281-312.
- GIDDENS, Anthony (1990), *The Consequences of Modernity*, Cambridge, Polity Press.
- GILROY, Paul (2004), *After Empire. Melancholia or Convivial Cultures*, London, Routledge.
- HALL, Stuart (1996), "Introduction: Who Needs 'Identity'?", in Stuart Hall & Paul Du Gay (ed.), *Questions of Cultural Identity*, London, Sage, pp. 1-17.
- HARVEY, David (2001), *Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*, Edinburgh, Edinburgh University Press.
- LOFLAND, L. H. (1998), *The Public Realm: Exploring the City's Quintessential Social Territory*, New York, Aldine de Gruyter.
- MALHEIROS, Jorge & MENDES, Manuela (2007), *Espaços e Expressões de Conflito e Tensão entre Autóctones, Minorias Migrantes e Não Migrantes na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, Observatório da Imigração, 22.
- MAPRIL, José (2001), "De Wenzhou ao Martim Moniz: práticas diaspóricas e (re)negociação identitária do local", in *Ethnologia*, 12-14, 253-294.

– (2008), “Os sonhos da ‘modernidade’: migrações globais, e consumos entre Lisboa e Dhaka”,
in Renato Carmo, Ruy Blanes e Daniel Melo (orgs.), *A Globalização no Divã*, Lisboa, Tinta
da China, pp. 65-88.

– (2010), “Banglapara: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa”, *in Etnográfica*, 14
(2), 243-263.

MARCUS, George E. (1995), “Ethnography of the world-system: The emergence of multi-sited
ethnography”, *in Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117.

MENEZES, Marluce (2004), *Mouraria, Retalhos de um Imaginário: significados urbanos de um
bairro de Lisboa*, Oeiras, Celta.

– (2009), “A Praça do Martim Moniz: Etnografando lógicas socioculturais de inscrição da Praça
no mapa social de Lisboa”, *in Horizontes Antropológicos*, ano 15, 32, 301-328.

MIELANTS, E. (2006), “The Long-term historical development of racist tendencies within the
political and social context of Belgium”, *in International Journal of Comparative Sociology*,
47, 313-334.

OLIVEIRA, Catarina (2005), *Empresários de Origem Imigrante: Estratégias de Inserção
Económica em Portugal*, coleção Teses, 2, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e
Minorias Étnicas (ACIME).

PADILLA, Beatriz (2007), “Brasileiras en Portugal: de la transformación de las diversas
identidades a la exotización”, *in Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM*,
14. [Consult. a 8 de dezembro de 2011]. Disponível em:
<http://alhim.revues.org/index2022.html>.

PADILLA, Beatriz; RODRIGUES, V.; ORTIZ, A. (2008), *Monographic Report on Ethnographic
Data*, EU Project TRESEGY, Sixth Framework Programme.

PRATT, Mary Louise (1992), *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, London,
Routledge.

PRIES, Ludger (1996), “Transnationale soziale raume. Theoretisch-empirische skizze am
beispiel der arbeitswanderungen Mexico-USA”, *in Zeitschrift für Soziologie*, 25 (6), 456-
472.

- RIBEIRO, Gustavo L. (2003), “Cultura, direitos humanos e poder. Mais além do império e dos humanos direitos. Por um universalismo heteroglóssico”, in *Série Antropológica*, 340, 1-16.
- SANTOS, Sofia (2008), “Imagens da cidade planeada: A diversidade cultural e o pensamento estratégico urbano de Lisboa”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 57, 131-151.
- SOJA, Edward (2000), *Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions*, Oxford, Blackwell Publishing.
- TOREN, Christina (1999), *Mind, Materiality and History: Explorations in Fijian Ethnography*, London, Routledge.
- TOURAINÉ, Alain (1997), *Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents*, Paris, Fayard.
- VERTOVEC, Steven (2007a) “Super-diversity and its implications”, in *Ethnic and Racial Studies*, 29 (6), 1024-1054.
- (2007b), “New complexities of cohesion in Britain: Super-diversity, transnationalism and civil-integration”, Commission on Integration and Cohesion (CIC), in *COMPAS*. [Consult. a 8 de dezembro de 2011]. Disponível em:
- http://www.compas.ox.ac.uk/fileadmin/files/Publications/Reports/Vertovec%20-%20new_complexities_of_cohesion_in_britain.pdf.
- WEISS, A. (2005), “The Transnationalization of social inequality. Conceptualising social positions on a world scale”, in *Current Sociology*, Thematic Issue: Transnational Migrations and Social Transformations, 53 (4), 707-728.
- WISE, A. (2007), “Multiculturalism from below: Transversal crossings and working class cosmopolitans”, in Selvaraj Velayutham & Amanda Wise (eds.), *Proceedings of the Everyday Multiculturalism Conference of the CRSI*, 28-29 Sept. 2006, Centre for Research on Social Inclusion, Macquarie University.
- YUVAL-DAVIS, N. (1999), “What is ‘transversal politics’?”, in *Soundings*, 12 (Summer), 4-98.

ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

Abstract

Territories of diversity and cultural conviviality: theoretical and empirical considerations

Diversity is one feature of contemporary societies, and immigration has contributed greatly to the increase of diversity. One common way to approach this phenomenon has been to look at the so-called integration of immigrants, however it has limitations. A new approach is to look at how intercultural conviviality occurs at the local level (city/neighbourhood), that is how quotidian relations among autochthonous and immigrants take place. This article reflects on some theoretical aspects around quotidian conviviality and super-diversity, and their empirical applications in multi-sited ethnographies, in two neighbourhoods in the LMA, as part of an international research project.

Keywords: Mouraria; Cacém; Cultural diversity; Conviviality.

Résumé

Territoires de la diversité et convivialité culturelle: considérations théoriques et empiriques

Les sociétés contemporaines sont caractérisées par la diversité dont l'immigration constitue un des éléments. Une façon courante d'aborder ce phénomène a été d'observer la dénommée intégration des immigrants, mais cette approche a montré ses limites. Une approche plus innovante consiste à observer comment se déroule la coexistence interculturelle au niveau local (ville / quartier), c'est-à-dire les relations quotidiennes entre les autochtones et les immigrants. Dans le cadre d'un projet de recherche international et à travers des ethnographies multi-situées dans deux quartiers de l'agglomération métropolitaine de Lisbonne (AML), nous avons mené une réflexion sur certains aspects théoriques de la convivialité et de l'extrême diversité quotidienne et de leur application empirique.

Mots-clés: Mouraria; Cacém; Diversité; Convivialité culturelle.

Resumen

Territorios de la diversidad e convivialidad cultural: consideraciones teóricas y empíricas

La diversidad es una característica de las sociedades contemporáneas siendo que la inmigración es uno de los elementos que más ha contribuido en su incorporación. Una forma común de abordar este fenómeno ha sido a través de la llamada integración de los inmigrantes, pero este enfoque tiene limitaciones. Una mirada más innovadora se consigue si observamos como ocurre la convivencia intercultural a nivel local (ciudad/barrio), o sea, las relaciones cotidianas entre autóctonos e inmigrantes. Reflexionamos sobre algunos aspectos teóricos que giran en torno de la convivialidad y superdiversidad cotidiana y su aplicabilidad empírica en etnográficas multissituadas, en dos barrios del AML, que son parte de un proyecto de investigación internacional.

Palabras-clave: Mouraria; Cacém; Diversidad cultural; Convivialidad.